

A CAPOEIRA E A  
BUSCA DE SOLUÇÕES  
PARA TRANSPOR  
OS OBSTÁCULOS  
NA EDUCAÇÃO:  
EMANCIPAÇÃO  
PELO CORPO



V SICCAL

[ GT1 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE ]

**Valdenor S. dos Santos**

*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH - USP), São Paulo, SP*

**Estefânia Zonaro**

*Rede Municipal de Ensino de São Paulo, SP*

**Nicole de Souza Pereira**

*Rede Municipal de Ensino de São Paulo, SP*

[ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

Este ensaio tem como foco a capoeira na perspectiva pedagógica dentro da escola, à luz de uma concepção de educação como prática dialógica, corporal e emancipatória. O objetivo deste artigo foi compreender a capoeira enquanto arte-ancestral corporal e, especialmente, como linguagem, a partir de processos em que o corpo e o movimento, depois de um prolongado isolamento social, constituem-se em aspectos fundamentais para uma educação emancipatória. Para compor as reflexões acerca do que se propõe, fundamentamos as nossas análises em autores do campo da corporeidade e de uma perspectiva crítica. Desse modo, foi possível compreender que o corpo e o movimento são instâncias fundamentais para uma educação libertadora.

**Palavras-chave:** Capoeira. Educação. Corporeidade. Pandemia e emancipação.

This essay focuses on capoeira in the pedagogical perspective within the school, in the light of a conception of education as a dialogical, corporal and emancipatory practice. The objective of this article was to understand capoeira as an ancestral body art and, especially, as a language, from processes in which the body and movement, after a prolonged social isolation, constitute fundamental aspects for an emancipatory education. To compose the reflections about what is proposed, we base our analyzes on authors from the field of corporeality and from a critical perspective. In this way, it was possible to understand that the body and movement are fundamental instances for a liberating education.

**Keywords:** Capoeira. Education. Corporeality. Pandemic and emancipation.

Este ensayo se centra en la capoeira en la perspectiva pedagógica dentro de la escuela, a la luz de una concepción de la educación como práctica dialógica, corporal y emancipatoria. El objetivo de este artículo fue comprender la capoeira como un arte corporal ancestral y, especialmente, como un lenguaje, a partir de procesos en los que el cuerpo y el movimiento, después de un prolongado aislamiento social, constituyen aspectos fundamentales para una educación emancipatoria. Para componer la reflexión que se propone, basamos nuestro cuerpo en perspectivas críticas sobre lo que escriben desde el campo y desde una reflexión. De esta forma, fue posible comprender que el cuerpo y el movimiento son instancias fundamentales para una educación liberadora.

**Palabras clave:** Capoeira. Educación. Corporeidad. Pandemia y emancipación.

## Introdução

---

Nesse prólogo, vale destacar que defender a educação de um corpo que se expressa com liberdade é, notadamente, a tarefa dos profissionais da educação. Claro está, que educadores (as) que têm o corpo como alvo da sua prática pedagógica, e não apenas a cognição, envolvendo, portanto, a expressão corporal, como a capoeira, entre outras, é uma imensa oportunidade de educar para uma prática emancipatória. Por quê?

Porque é com o corpo que afirmamos nossa existência. É com o corpo que nos movimentamos, sentimos, pensamos, desejamos, reivindicamos, enfim, é com o corpo que nos fazemos presentes nos espaços e, nesse sentido, o corpo é um corpo político. Pelo corpo expressamos o que somos e, pela ação, expressamos como percebemos o outro e o mundo.

A rigor, a capoeira, de acordo com nossa perspectiva, somente ganha sentido educacional na medida em que se constitui como educação para a liberdade do corpo, em que cada um possa expressar os seus sentimentos e desejos por meio deste, considerando-o uma forma de expressão fundamental de linguagem, além de guardar consigo uma memória ancestral. Todavia, expressão e liberdade aqui são compreendidas dentro das suas possibilidades efetivas, individuais e corporais, sem as determinações disciplinares do corpo pelos padrões estabelecidos, como bem demonstrou-nos Foucault (1979). Tema abordado com propriedade pela psicóloga Vivian Correia e Silva, que atua em abrigos, para se pensar o que as instituições escolares e abrigos

têm exigido de crianças pequenas, cuja infância é submetida, desde a mais tenra idade, a uma organização rígida de horários e atividades (Silva, 2016). Sem que se tenha a competição e a derrota do outro como prioridade e, sobretudo, que cada um de forma consciente reconheça em seu corpo a representação de um corpo vivo, ativo, criativo, autônomo, artístico, poético, solidário, alegre, político, enfim.

Em última análise, que possa expressar o corpo para amar, compreender, doar, experimentar, criar, fazer, sentir prazer, se libertar. Enfim viver plenamente esse corpo numa relação dialógica com outro.

À luz dessas reflexões, nossa problemática neste ensaio se constitui a partir da seguinte questão: é possível superar uma educação positivista, autoritária e reducionista, a partir de uma pedagogia corporal ancestral, denominada capoeira, dentro de um contexto de pandemia na escola?

Esse ensaio se justifica na medida em que, mesmo no século XXI, ainda perpetuamos uma escola hegemonicamente cartesiana e autoritária. Assim, considerando uma capoeira que supere a dicotomia entre corpo e mente, teoria e prática, buscamos uma pedagógica ancestral enquanto educação do corpo no seu todo, para que esse corpo, de posse de um movimento consciente, de auto-expressão e de liberdade, sintam-se inteiro e reconheça todas as suas múltiplas potencialidades humanas, sua autonomia, força política que se manifesta na sua totalidade corporal.

Para nós, a missão da educação é cultivar singularidades. Que cada um possa de fato se assumir, assumir o outro e ser

valorizado pelo que é. Acreditamos que se partirmos de uma educação orientada para a aceitação daquilo que se é, será um grande passo no sentido de combater as muitas formas de preconceitos e discriminações. As propostas de Freire e Scaglia (2003, p, 10) sugerem que “a educação seja uma [...] prática de corpo inteiro; que se dirija tanto ao indivíduo quanto à sociedade, de modo que João aprenda a ser João e Maria aprenda a ser Maria, porém, ambos disponíveis para o outro e para a sociedade.”

### Quando eu venho de Luanda eu não venho só – a história das lutas de emancipação nos cânticos da capoeira

Eu fui preso à traição trazido na covardia  
Que se fosse luta honesta  
de lá ninguém me trazia  
Na pele eu trouxe a noite  
na boca brilha o luar  
Trago a força e a magia presente dos orixás  
Eu trago ardendo nas costas o peso dessa  
maldade  
Trago ecoando no peito o grito de liberdade  
Que é grito de raça nobre grito de raça  
guerreira  
Que é grito da raça negra, é grito de capoeira  
Quando eu venho de Luanda eu não venho só  
Quando eu venho de Luanda eu não venho só  
Quando eu venho de Luanda eu não venho  
só (coro)  
Quando eu venho de Luanda eu não venho  
só (coro)

#### **Letra e música:** Mestre Toni Vargas

Com músicas como esta que narram a forma brutal pela qual foram arrancados negros e negras do continente africano, é que, trabalhamos com nossas crianças,

sempre tomando em consideração a faixa etária, aprofundando as análises dos conteúdos históricos associadas às narrativas dos cânticos da capoeira, em meio à linguagem corporal envolvida no jogo da capoeira. Com as músicas, exercitamos os cânticos e os responsórios, interpretando a letra fazendo reflexões acerca da barbárie que infelizmente, fez parte da nossa história.

Nessa perspectiva de revisitar a história, seus momentos sociais e políticos, vale pôr em jogo uma análise sobre as concepções autoritárias que gradativamente foram se inoculando no interior da capoeira. Ou seja, as tradições militares também entraram na roda. O envolvimento da capoeira nas corporações militares foi intenso. Farda e vadiação se misturavam no corpo dos capoeiras, o que vale à pena discutir pois assumir uma posição autoritária na educação não favorece, segundo o nosso entendimento, uma prática emancipatória.

A década de 1850, que coincidiu com a entrada maciça de não-escravos na capoeiragem, também espalhou a presença frequente de capoeiras nas corporações militares, principalmente na Guarda Nacional. Muitas vezes a farda não era obstáculo ao exercício lúdico da capoeira, misto de brincadeira e combate (SOARES, 1999, p.85).

A própria força da capoeira enquanto contra-poder, juntamente com a malícia do capoeira, que para não ser reprimido e para conquistar certas vantagens, aproximava-se do universo militar, serviram de mecanismos de aproximação desses dois mundos.

Por toda a segunda metade do século XIX, as relações entre o mundo militar e o universo da capoeiragem foram caracterizado por uma estranha simbiose. Seguindo bandas militares, utilizando a proteção da corporação militar para seus conflitos com a polícia misturando-se com soldados em maltas, os capoeiras, principalmente nas décadas de 1870 e 1880, criaram um *modus vivendi* com caserna que ameaçou, algumas vezes, a própria hierarquia militar. (SOARES, 1999, p. 84).

Como nos mostra Soares (1999, p. 84) “a documentação policial revela exaustivamente a estratégia deliberada de praticantes da capoeira em participar da corporação como estratégia de defesa, num período de feroz repressão”. Aqui fica revelada as estratégias de *malandragem* do capoeira e também, a influência da cultura militar na capoeira.

De todo modo, na medida em que essas duas culturas se misturaram, podemos inferir que houve uma influência mútua. De um lado a capoeira sendo influenciada pelos hábitos da caserna, envolvendo disciplina, autoritarismo, ordem, e respeito às hierarquias, e por outro, é possível que a malícia, a engodo e, sobretudo, a ética da *malandragem* tenha de certa forma influenciado esse universo militar, em especial no jeito *malandro* de lidar com as instituições burocráticas.

Isto posto, “o capoeira na vida militar, baseado em sua experiência social, reordenava valores e comportamentos marcando sua presença por novos laços de identidade no seio da tropa” (SOARES, 1999, p.87). O

mecanismo usado pelos capoeiras durante as investidas de repressão era o mecanismo da *malandragem*, da dissimulação, o que Vieira (1995) chama de ética da *malandragem*, expressão de uma atitude complexa que envolve, simultaneamente, a resistência e a convivência com as instituições que representam.

Assim, a capoeira foi símbolo de luta e resistência contra um sistema de dominação e opressão, fazendo uso das formas mais criativas e audaciosas. O capoeira, com seu corpo de *mandinga*, com perspicácia e *manha*, ludibriava as autoridades, como pondera Soares:

O aparato repressivo mobilizado para dar fim à capoeira – meta do Estado colonial, depois imperial, totalmente *mal-sucedida* – foram poucas vezes igualado na história social do Brasil. Raras vezes – ou mesmo nunca – uma prática cultural, que seria depois introduzida no universo do folclore, chamou tanto a atenção dos donos do poder no regime escravista e causou tanta preocupação aos tradicionais dirigentes do Estado no Brasil. Claro está que a capoeira nunca foi uma atividade que poderíamos chamar de inocente. A capoeira era uma prática cultural que municiava os escravos e iguais de fortes instrumentos para lutar diretamente com o agente da opressão (SOARES, 1999, p. 547).

Todavia, embora reconheçamos essa força da capoeira enquanto prática cultural de contra-poder, os muitos desdobramentos e influências sociais, políticas e culturais, enfraqueceram suas características culturais e políticas.

Padronizada e, porque não dizer atualmente, mercantilizada, a capoeira e os capoeiras, como diz Reis (1997, 92) “perderam o corte da navalha”.

Vale ressaltar que esse legado positivista é historicamente marcado por interesses de classe calcados numa visão determinista de ciência. Reis (1997), autora de uma interessante obra que analisa o jogo da capoeira como uma metáfora das relações entre negros e brancos, aborda em sua obra as tendências higienistas e as influências desse pensamento em nossa cultura.

Em outros termos, a capoeira também carrega, nos seus desdobramentos sociais e culturais, uma tradição positivista, considerando suas evoluções e as muitas influências culturais, históricas, políticas e ideológicas desses últimos dois séculos, o que procuraremos identificar nas entrevistas com os mestres de capoeira, a serem realizadas em nosso doutorado.

A capoeira perseguida por ser uma manifestação afro-brasileira, não atendia aos auspiciosos projetos de desenvolvimento social das primeiras décadas de 30 e 40 da República nascente. Para tanto, para ir ao encontro das concepções hegemônicas do período “Varguista”, foi preciso higienizar ou desafricanizar a capoeira para que a mesma pudesse sair da condição de manifestação ameaçadora e marginalizada:

*Ao período repressivo da capoeira iniciam-se gestões no sentido de higienizar, isto é, minimizar ou destituir de sua*

*origem africana aquela que era a nossa “gymnastica nacional” por excelência. Entretanto essa nova representação social da capoeira como um esporte – que vai, pouco a pouco, tornar-se hegemônica – tem origem nos mesmos pressupostos teóricos do determinismo racial, nesse momento histórico, o discurso médico higienista, impregnado de uma visão eugênica, enfatiza a ginástica como fator de regeneração e purificação da raça (REIS, 1997, p. 83).*

Essas concepções higienistas e nacionalistas invadiram a cultura do povo brasileiro sem pedir licença e aproximaram-se também da capoeira. Esse processo ocorreu num duplo sentido, pois, à medida que a capoeira é desafricanizada, perde parte de suas raízes culturais africanas, para obter a outorga do Estado para a sua prática em certas condições. Nessa dinâmica, ao mesmo tempo que segue as regras da instituição do Estado, vislumbra uma possibilidade de liberdade para se intensificar como prática cultural e, mesmo sob a vigilância e o controle do Estado, pôde se difundir e ao mesmo tempo resistir ao poder. Em outras palavras foi usada pelo Estado, mas também o usou para se fortalecer.

Reis (1997), situando a capoeira entre os movimentos políticos e ideológicos desse período, assevera que ao longo das décadas de 30 e 40 certas manifestações culturais negras como o samba, a capoeira e o candomblé, até então bastante perseguidas, foram, pouco a pouco e em graus diferenciados desafricanizadas.

Esse abrandamento da repressão tem como pano de fundo interesses políticos e controladores. Segundo Fry (s/d) apud Reis

(1997, p. 113), há uma interpretação dessa “conversão de símbolos étnicos em emblemas de nacionalidade como uma estratégia política para acobertar e mascarar a dominação racial, dificultando inclusive a sua própria denúncia”.

Vale destacar que esse período foi marcado por um projeto político de modernização e desenvolvimento, de tal modo que, a vadiagem, a malandragem, a preguiça, conforme foi tipificada a figura do malandro, bem como as pitorescas rodas, não só de capoeira, mas de outras manifestações populares, como o samba, por exemplo, não correspondiam aos valores hegemônicos da época, valores que se pautavam na racionalidade e na disciplina.

Os anos trinta foram marcados por uma política cultural fundamentalmente orientada pela preocupação de ruptura com características como a “malandragem”, a “indolência”, a “preguiça”, tidas como definidoras da condição de país “arcaico”. A construção de nossa modernidade passaria pela eliminação desses fatores, erigindo em seu lugar outros que tomassem por base a racionalidade e a disciplina. Era necessário construir uma nova imagem do homem brasileiro, convertendo a irreverência da cultura popular em doutrinas ascéticas mais adequadas à consolidação de um país moderno (REIS, 1997, p. 164).

Com base nessas pesquisas que apontam as formas de resistência e dificuldades encontradas pela capoeira no Brasil para se ver reconhecida, nosso pressuposto é de que a capoeira, em determinados momentos históricos de muita repressão, é preciso reconhecer, esteve pautada em concepções

de natureza autoritária, em que identificamos a predominância do treinamento em busca de vigor físico, preocupação com a preparação técnico-combativa, a hierarquização e o poder centralizado no mestre e o autoritarismo manifesto nas relações verticais, o que contribuiu para o esvaziamento a capoeira dos sentidos formativo e cultural, sendo esta a sua essência - pautada em uma cosmovisão africana.

Assim, por todas essas questões aqui enunciadas, vale destacar que ao longo de sua vivência, como Mestre de capoeira e em contato com muitas histórias de horrores, vivenciadas por meus antepassados, e amplamente denunciadas em suas músicas, Mestre Valdenor sentiu-se sensibilizado e, por sua vez, também compôs algumas músicas, como as que apresentamos a seguir:

Lua cheia, lua nova  
Quarto minguante e crescente  
Uma embarcação `vela  
Um tilintar de correntes  
O banzo faz seu transporte  
O horror, paira no ar  
Sob a melodia do açoite  
Corpos lançados ao mar  
Digo a reza e abro o jogo  
Como manda a tradição  
O que faço porque faço  
Fica pra sua dedução  
Camaradinha.  
Dá volta ao mundo  
Iê dá volta ao mundo, Camará!

Lua Cheia, lua Nova  
**Letra e música:** Mestre Valdenor  
Estou longe muito longe  
Da minha terra do meu chão  
De sangue suado, negro  
De sangue suado, negro

Ouçó o estalar da chibata  
E treme o prato de pirão  
Senzala, noite sem fim  
Senzala, noite sem fim  
Ouvi a morte dizia  
A vida não é candeia  
E o sopro do vento, não me alivia

A vida e a Candeia

**Letra e música:** Mestre Valdenor

Assim, à luz das letras aqui apresentadas, podemos entender que a Diáspora Africana está para o Brasil, do mesmo modo como a barbárie do holocausto está para a Alemanha, tendo em vista que a exigência de que a barbárie de Auschwitz não se repita é a primeira exigência de todas para o campo da educação (ADORNO, 1995 apud ZAMBEL; LASTÓRIA, 2016).

Mas, o que significa dizer “para que Auschwitz não se repita”, ou ainda, em que medida a educação poderia eliminar tais barbáries? Questões desafiadoras, sobretudo se considerarmos que muitos dos elementos que levaram a elas ainda continuam presentes na sociedade brasileira.

Na sociedade administrada, pensar criticamente e de modo autônomo, cada vez mais se torna urgente. Eis aí o grande desafio da educação: possibilitar o pensamento crítico e desenvolver a autonomia do indivíduo. Problemáticas que devem ser enfrentadas pela educação, caso contrário, seu objetivo emancipatório se restringirá

exclusivamente ao campo do utilitarismo (ZAMBEL; LASTÓRIA, 2016, p. 2206).

Isto posto, a exemplo dos dias atuais podemos observar com grande tristeza as ações autoritárias de nosso governo e sua equipe, como o desrespeito às populações quilombolas, às populações indígenas, aos grupos de imigrantes, aos grupos LGBTQIA+, à mulher, dentre outros absurdos, inadmissíveis para o século XXI. Assim, como educar para a emancipação sem respeitar os sujeitos nas suas identidades?

No entanto, por meio da história da capoeira e, particularmente, do estudo das letras de suas músicas foi possível contribuir para o exercício do pensamento crítico e da autonomia, tão caro a Adorno e à luta anticolonial:

Negra que vem de Angola, pra um futuro derradeiro  
Não entende o sofrimento, dentro do navio negreiro  
Deixou a terra natal com promessa de melhora  
Neste navio em agonia, toda a família chora  
A sua menina chora, pergunta o que faço aqui  
Rasga sua saia nega, faça ela Abayomi  
Abayomi, rasga sua saia nega, faça dela Abayomi  
Boneca feita de pano, para trazer alegria  
Feita da saia da mãe, para afastar a agonia

Te pergunto ó menina, que lições  
aprende aqui

Escutando esta cantiga, faça sua Abayomi

Nesta cantiga, Eder Roberto nos traz um recorte da vida dos(as) escravizados(as) no navio negreiro e por meio desta cantiga foi possível introduzir para as crianças a história de como nasceu a boneca Abayomi, assim como realizar oficinas para a confecção das mesmas.

### **Depoimento da Profa. Estefânia de Educação Infantil, EMEF Célia Regina, Zona Leste de São Paulo, docência compartilhada:**

---

Como se reinventar pensando em currículo, formação, áreas do conhecimento, alfabetização, e ainda assim pensar em distanciamento, máscaras, álcool em gel.

Enfim foi possível trazer finalmente a roda de capoeira para dentro da escola promovendo aos estudantes viver tudo aquilo que havíamos já falado e muito na teoria.

Nas rodas começamos com as músicas, com os toques dos instrumentos. As músicas foram fundamentais para o processo da alfabetização: a oralidade, a posse da letra escrita em mãos, o reconhecimento das letras, do som e a afetividade acerca da atividade trouxeram à tona a leitura e a escrita, trazendo vários estudantes que estavam na hipótese pré-silábica para a alfabética como num passe de mágica, mas

sabemos que não teve nada místico, mas, sim, sensível.

A experiência de trazer um tema de trabalho: cultura e território, nesse período pandêmico, e com assuntos que são pertinentes a vida dos estudantes como: comunidade, povo brasileiro e território foi de fundamental importância.

Voltando a ideia das rodas de capoeira a atenção que se solicita traz aos estudantes outro ponto de equilíbrio e que impacta diretamente na fruição de todo o processo estudado em sala de aula. Viver o esporte, a dança e a luta ali no pátio da escola acessando toda uma memória ancestral da grande maioria absoluta dos estudantes da nossa unidade escolar.

O tema da capoeira é sensível, assistimos filmes e documentários, reconhecemos nossos corpos e os limites, aprendemos nomes e experimentamos os golpes e acima de tudo entendemos que é uma atividade feita efetivamente com base do olho no olho, do respeito e da sensibilidade.

A pandemia de uma certa forma ressaltou a empatia, como o senso de humanidade. Começamos a ver movimentos nos condomínios para ida ao mercado para as pessoas mais suscetíveis a contrair a Covid-19 de uma forma mais grave, os idosos, por exemplo, a empatia do uso da máscara, a busca pela vacina e o sentido de amor pela vida.

E essa percepção de empatia também veio para a escola, os grupos reduzidos de estudantes devido o sistema de rodízio possibilitou com certeza esse trabalho todo, a proposta toda, as rodas de capoeira e que

agora que podemos ampliar a quantidade de crianças por encontro temos feito rodas lindas.

Um ponto alto desse rodízio percebemos no momento proposto ao registro feito pelas crianças, usamos um encontro para que elas pudessem registrar todas as suas percepções sobre as rodas de capoeira e tudo o que a cerca.

Elas cantam, repetem o coro, ainda muito tímidas, mas que certamente essa ação vem quebrando muitos paradigmas de uma educação jesuítica com ênfase numa concepção bancária com não sendo mesmo a única faceta de um processo de construção dá certo.

O jogo da capoeira na escola num retorno presencial, num período posterior ao isolamento devido a pandemia do Covid-19, foi quase que um achado, a ao mesmo tempo fundamental para o processo de humanização dos indivíduos (crianças e adultos) que fizeram parte dessa proposta.

Enfim como reinventar-se em meio a pandemia por meio da capoeira é dinâmico, amoroso e afetuoso como exatamente esse retorno presencial pediu e seguimos construindo com as experiências e dinâmicas cheio de esperança de um olhar humanizado lançado por e para cada uma das pessoas envolvidas no projeto e a todos que de alguma forma assistem ou são tocados pelas ações.

Esse olhar humanizado aponta uma direção a seguir que é: como garantir de fato a voz e a vez para crianças e jovens que foram obrigados a migrar seu processo

cognitivo para o mundo das tecnologias, mas que essas mesmas crianças de uma maneira desumana e desigual não tinham em mãos as tecnologias necessárias para esse processo imposto neste período de isolamento.

A capoeira por fim veio incluir o que a falta de acesso excluiu, que foi o olho no olho, o processo cultural, a ancestralidade e para isso a tecnologia também esteve presente e com maestria, mas não era o eixo dessa ação humanizadora.

É notório ver a felicidade de cada estudante de encontrar no mural interativo da sala de aula a sua fotografia.

Com essa leitura podemos perceber que a humanização do processo cognitivo se faz fundamental, afinal a identidade do estudante com a sua ancestralidade é de fato um momento de “feliz aniversário” pois é certamente após o renascimento que podemos de vez tirar as máscaras.

Por fim, a capoeira uma filha do Brasil, apresenta em meio às discussões com os estudantes esse aspecto de unidade ancestral, de ritmo, da língua, da ginga, da oralidade, de comunicação, de percepção de unidade, da luz e da melodia.

Há muito tempo, esperado por todos aqueles que puderam tomar contato direto com essa arte/luta e comprovaram sua relevância na formação do ser humano.

Há muitos anos tenho dito que a capoeira transformou a maneira como olho para as coisas. E, assim, penso que ela também pode transformar a vida das pessoas de modo geral. Costumo dizer que

aprendi a gingar na vida com as situações que nos chegam, sejam elas agradáveis ou não. A capoeira, a partir do princípio da esquivia e da flexibilidade, permite-nos olhar os desafios de diferentes ângulos e amplia as possibilidades de solução. O conjunto de saberes expressos na capoeira é enorme, sendo vasto o que essa arte/luta tem feito por milhares de pessoas ao redor do mundo, a começar pelo Brasil. Entre as várias culturas de resistência negra construídas em solo brasileiro, a capoeira é uma das mais significativas, constituída com base em culturas oriundas da África, em especial as de matriz banto.

Ao mostrar que a capoeira educa, demonstra-se a sua capacidade, ainda pouco utilizada, de compor a educação formal ministrada nas escolas brasileiras. A capoeira, ao trabalhar com valores humanos, o faz integrando uma série de práticas, entre elas a música, a ginga e a luta. É uma das poucas manifestações culturais-desportivas que agrega tantos elementos.

A capoeira, assim como a música negra, alterou as estruturas do convencional e estabeleceu uma reinvenção da lógica dada. Ao longo de sua história, ela vem se reestruturando com base em suas heranças mais tradicionais e no diálogo que desenvolve com a atualidade. É tradicional porque guarda em si os valores da ancestralidade e o respeito aos mais velhos, além da oralidade e da transmissão geracional como mais importante forma de continuidade. Mas, acima de tudo, é tradicional porque não está presa a um passado remoto; muito pelo contrário, permanece viva e dinâmica no mundo de hoje.

Há muito tempo que este reconhecimento tem sido esperado por todos aqueles que puderam tomar contato direto com essa arte/luta e comprovaram sua relevância para a formação do ser humano. E o depoimento de professoras das primeiras letras na infância e dos pequenos estudantes é sempre uma alegria e uma prova desse reconhecimento.

Há muitos anos tenho dito que a capoeira transformou a maneira como olho para as coisas. E, assim, penso que ela também pode transformar a vida das pessoas de modo geral. Costumo dizer que aprendi a gingar na vida com as situações que nos chegam, sejam elas agradáveis ou não. A capoeira, a partir do princípio da esquivia e da flexibilidade, permite-nos olhar os desafios de diferentes ângulos e amplia as possibilidades de solução. O conjunto de saberes expressos na capoeira é enorme, sendo vasto o que essa arte/luta tem feito por milhares de pessoas ao redor do mundo, a começar pelo Brasil. Entre as várias culturas de resistência negra construídas em solo brasileiro, a capoeira é uma das mais significativas, constituída com base em culturas oriundas da África, em especial as de matriz banto.

Ao mostrar que a capoeira educa, demonstra-se a sua capacidade, ainda pouco praticada como parte intrínseca da educação formal ministrada nas escolas brasileiras. A capoeira, ao trabalhar com valores humanos, o faz integrando uma série de práticas, entre elas a música, a ginga e a luta. É uma das poucas manifestações culturais-desportivas que agrega tantos elementos.

A capoeira, assim como a música negra, alterou as estruturas do modo de ser convencional e estabeleceu uma reinvenção da lógica dada pelo pensamento ocidental. Ao longo de sua história, ela vem se reestruturando com base em suas heranças mais tradicionais e no diálogo que desenvolve com a atualidade, não sem deixar de considerar as contradições sociais que a atravessam. É tradicional porque guarda em si os valores da ancestralidade e o respeito aos mais velhos, além da oralidade e da transmissão geracional como mais importante forma de continuidade. Mas, acima de tudo, é tradicional porque não está presa a um passado remoto; muito pelo contrário, permanece viva e dinâmica no mundo de hoje.

Assim, para que não percamos o corte da navalha, é necessário que façamos a leitura da realidade, que identifiquemos onde se encontram, no governo e instituições do Estado, os atuais senhores de engenho e os capitães do mato que permanecem oprimindo o conjunto da sociedade, particularmente as pessoas pretas e pobres de nosso país. Porém, como alerta Nunes Filho (1997, p.76) “não basta se reconhecer oprimido. É necessário recusar-se a sê-lo”.

Nosso jogo, nossa vadiação agora, vai no sentido de interpretar o sistema vigente atual, seus mecanismos de dominação e seus impactos em nosso corpo. Boff (2000), a respeito do modelo político e econômico atual, assevera:

Tragicamente, esse modelo favorece uma cultura reducionista, baseada numa visão encurtada da vida, consumista, exaltando o individualismo, magnificando o mais esperto, considerando

o mais competente, enaltecendo o espírito competitivo e enfraquecendo os ideais de cooperação, de solidariedade e de compaixão com os destituídos sociais. Não é de se admirar o crescimento da violência em todos os campos, pois a ideologia ensina que o direito está ao lado do mais forte e não do lado da justiça e da causa nobre. (BOFF, 2000, p. 62).

Já Comblin (1999) discute as instituições modernas, como o estado, o exército, a escola, o hospital, a empresa, a prisão, enquanto mediações proclamadas para libertar as pessoas, mas, que, no entanto, essas mesmas instituições servem para disciplinar o corpo, os desejos, as aspirações, inibindo a espontaneidade corporal, através de padronizações e mecanismos que homogeneizam as pessoas em uma mesma manobra.

A rigor, a libertação real do sujeito reside na espontaneidade do seu ser, trata-se de uma espontaneidade vivida no corpo (COMBLIN, 1999).

Ainda recorrendo às críticas de Comblin (1999) em relação ao sistema ideológico dominante, o autor entende que no presente contexto, gozar significa provavelmente consumir. Alegria de viver, gozar a vida significa atuar no mercado na situação presente. Quem já desiste de criticar a sociedade da economia, cai na armadilha e reforça o sistema dominante. Toda a cultura atual assimila a alegria de viver ao consumo: para isso existe a publicidade.

Comblin (1999) ainda nos provoca dizendo que o jogo não está somente no esporte, mas em várias situações sociais. As formas de competir estão em todas as partes. A televisão está repleta de programas

de competição e concursos dos mais diversos. Nessa dinâmica cultural, cada um se torna um torcedor. Em nossa cultura atual, o cidadão torna-se torcedor, onde a vida social é um grande jogo.

De todo modo, para que se possa educar para a emancipação, é preciso admitir que grande parte da classe média atualmente está muito mais preocupada com o resultado dos campeonatos de futebol, e as mulheres com as roupas da moda, do que com as questões políticas, econômicas, ecológicas, sociais, culturais e humanas da nossa sociedade e do mundo. Esse mecanismo ideológico que se revela nos meios de comunicação e propagandas publicitárias, e que serve de instrumento da classe dominante para a manutenção do status quo, torna-se poderoso ópio para ludibriar e anestesiar a consciência de grande parte das pessoas, que deixando de ser o que elas são, vão enfraquecendo sua individualidade, identidade e história, perdendo, cada vez mais, o corte da navalha.

Portanto, nossos valores estão voltados para os ganhos econômicos voltados ao consumo, nossa cultura é a cultura do mercado, na contramão do que defendemos como devendo ser o objetivo de uma educação emancipatória e libertária da capoeira:

O sentido da arte: quanto vale este quadro? O sentido da música: quantos CDs foram vendidos? O sentido de uma invenção científica: quantos milhões de dólares serão economizados? O valor da natureza: quantos turistas visitarão o lugar e quantos dólares cada um vai gastar? O esporte: quantas entradas foram vendidas? Quanto vai ganhar cada

jogador? O dinheiro fixa o valor de cada elemento cultural. O que não rende, não vale. (COMBLIN, 1999, p. 114).

Com efeito, a sociedade neoliberal atual fragmenta, atomiza, destrói, enfraquece qualquer sujeito ou comunidade. Não apresenta projeto para o conjunto da sociedade. O capitalismo representa o mecanismo que funciona por si mesmo e para si mesmo. Não pode ser um projeto social para uma comunidade humana, nem tampouco para as pessoas. No entanto, como assinala o autor, o consumo não é um propósito que possa manter uma sociedade integrada por muito tempo (COMBLIN, 1999).

Nunes Filho (1997), ao se referir à cultura civilizada, analisa-a enquanto ajuste social, reguladora, homogeneizando ações e comportamentos e reprimindo as energias naturais. A desertização não tem influências apenas filosóficas, mas culturais, políticas, econômicas e ideológicas. A cultura de mercado e suas características, como a competitividade, o individualismo, a produção e o consumo, que se massificam, prejudicam as relações humanas e desertizam o humano que assume seu corpo como um corpo voltado para a produção e para o consumo.

O prazer não se resume a comprar, a consumir (consumir é estar entregue às dominações desse monstro ideológico, o mercado). O prazer é algo mais, é alegria, é aprender a viver com eroticidade, é assumir Eros em nossa capacidade lúdica de viver a vida, como nos ensinam as culturas de matriz africana e a capoeira em particular. Não pensar no prazer e na alegria, é negar a eroticidade. Negar o prazer, é negar a vida. Então brincar é afirmar a vida. Brincar, é

celebrar a vida e o mundo, por se descobrir que são intrinsecamente bons. Brincar é viver. O prazer é a mais eficiente arma contra o sistema que nos domina. Aprender a lidar com o outro, com o corpo e com o prazer representa, crescer, querer ser, ser humano. (NUNES FILHO, 1997).

Na mesma linha defendida por Nabor Nunes (1997), partilhamos a ideia de que o Eros representa um elemento fundamental na quebra dessa submissão. Há que se pensar com liberdade, ser desejante de fazer história e ser erótico o bastante para não sucumbir à dominação. Os grandes nomes da história não se fizeram sob a vigilância do Estado, eram livres e se lançaram na vida repletos de eroticidade.

Corporeidade erótica. Para falarmos de corpo, corporeidade, recorreremos a Capalbo (2003) que sensivelmente diz que o corpo é:

Expressão e manifestação de uma subjetividade, é a maneira de um sujeito estar presente ao mundo, aos outros e às coisas, bem como a maneira de como estas se tornam presentes para o sujeito. O corpo é uma das formas significativas de linguagem. Nele estão embutidas as questões de valorização de tipos de cultura física, numa dada época da história; questões referentes ao bem estar, à saúde, à dor, à doença, ao processo de envelhecimento etc. Por essa relação “ eu-corpo-outro-mundo “, o homem vive a sua corporeidade de modo significativo para si próprio e deseja ser reconhecido, nesse valor significativo, pelos outros (CAPALBO, 2003, p. 13).

Capalbo (2003) ainda, discorrendo acerca do corpo, afirma que o corpo é a expressão de nossa existência, tanto quanto a palavra é a expressão do pensamento. E ainda, que as manifestações de nossa vida como a imaginação, a emoção, o trabalho cultural e artístico, representam manifestações de nossa existência, na mesma medida que representam realizações existenciais.

A corporeidade precisa considerar a sensibilidade afetiva, as emoções, os sentimentos, os impulsos sensíveis, o senso estético, etc. Também não significa que isso seja a corporeidade humana, mas é aqui e assim que ela se manifesta e se expressa. São esses os sinais e os elementos que precisam ser desenvolvidos, isto é, cultivados e, portanto, orientados, estimulados, fortalecidos. Poderíamos dizer, talvez, educados, e ao mesmo tempo cultuados, isto é, mantidos livres, espontâneos, criativos, como a obra de arte, como os valores estéticos. (SANTIN, 1999, p. 68).

Nessa perspectiva de se expressar corporalmente através do sentido estético, Nunes Filho (1997) revela que na arte há uma possibilidade de descontinuidade com a ordem estabelecida, representando no corpo uma expressão erótica.

O erótico deve ser interpretado como desejo. Desejo de manifestação humana e construção de historicidade. A história é construída a partir de um desejo, de uma existência e um projeto de eroticidade (NUNES FILHO, 1997).

A partir desses lampejos teóricos sobre o significado da eroticidade, cabe-nos

entender a expressão corporal da capoeira como essa manifestação erótica. A excitação de ser-estar-jogar eroticamente na roda. A libertação se dá no corpo, ao jogar, cantar, tocar, expressar com liberdade os movimentos, expressar autenticamente as emoções na roda e viver eroticamente essa liberdade no corpo quebrando as correntes que são colocadas no corpo pelo sistema.

O corpo erótico luta. Está sempre com o corte da navalha afiado, como se pode depreender desta reflexão:

A luta é o elemento básico para o enfrentamento dos mecanismos de poder que tentam impedir a auto-regulação, a liberdade de ser e fazer o que se quer. A disposição de luta numa roda de capoeira está relacionada às nossas atitudes de luta na vida. A roda é um treino e um diagnóstico de como estamos lutando. Nosso esquema corporal é um reflexo direto de nossa vida emocional. (FREIRE; DA MATA, 1993, p. 38).

O corpo deve ser contemplado na sua plenitude. O corpo não é a prisão da alma, mas a fonte de emancipação do ser. Os gestos e toda a expressão corporal revelam as emoções, as intenções, isto é, é pelo corpo que se estabelecem as relações com o outro e com o mundo. É o corpo a maior expressão dos nossos desejos (NUNES FILHO, 1997).

Nunes Filho (1997) discorre acerca da libertação enquanto ética. A ética contemplada como a ética pela busca da liberdade. A transgressão representa não apenas a negação de valores, mas a superação da deserotização. Viver eroticamente, é gozar de liberdade, assumindo uma própria individualidade, existencialidade, sem os ajustes

sociais, as padronizações que aprisionam o corpo. Portanto, uma maneira de ser-estar-no-mundo eroticamente representa um corpo que tem e assume seus desejos, suas paixões, se expressando na roda da vida com liberdade, conforme assinala Kofes:

Também seria bom lembrar que os indivíduos nunca são apenas receptáculos passivos de uma regra social. Nenhuma sociedade, por mais totalizante ou totalitária que seja, conseguiria sobrepor aos indivíduos suas regras sem nenhuma resistência, recodificação, transgressão. Estas reações possíveis através das quais as pessoas reformulam, recriam as normas sociais – mas também inventam outras possibilidades – se manifestam em múltiplas linguagens: pensamentos, comportamentos, arte, política strictu sensu, cultura em sentido mais amplo. Mesmo fazendo do seu corpo espaço possível e expressão de transgressões e invenções (KOFES, 1986, p. 58).

Ainda na perspectiva da libertação do corpo, vale destacar a seguinte reflexão:

No corpo – este sistema bioenergético-dialético – que está depositada toda a potencialidade revolucionária dos dominados e oprimidos. Sendo assim, todo o processo de libertação deve necessariamente passar pelo corpo-libidinal, fonte do desejo que pela solidariedade radical conquista as transformações sociais concretas (MEDINA, 1987, p. 71).

Como nos incita Medina (1987) à reflexão sobre o corpo, real, histórico, é presença e manifestação no mundo, e para lograr sua libertação precisa estar engajado na luta pelas transformações sociais. Mais

do que desejar, é preciso criar coletivamente condições concretas, objetivas e históricas.

Gonçalves (1994), ao fazer uma análise do corpo, fala do corpo em suas formas de ritmos e gestos, como a linguagem para si e para o outro. Corpo e linguagem, juntos, se revelam na expressão e na comunicação, e é nessa unidade que a autenticidade da expressão encontra a sua verdade. Poderíamos dizer uma verdade corporal.

Partindo dessa análise da unidade corpo e linguagem encontramos lugar para uma relação com a capoeira. Jogar capoeira é antes de tudo conversar com o corpo. A conversa é mediada pelo corpo, trata-se de um jogo de perguntas e respostas corporais. O corpo na sua plenitude, na sua mais autêntica expressão. Solto, livre, integrado, harmonizando ritmos e gestos, faz poesia e é poesia. Corpo e linguagem, linguagem de corpo, capoeira, “corpoeira”.

Corpo, linguagem e movimento. Movimento que, segundo Gonçalves (1994, p. 150), é dialogar com o mundo, é querer saber sobre as coisas do mundo, pois

ao movimentar-se, o homem relaciona-se com algo que está fora dele, podendo ser com os outros ou objetos. Esses são interrogados sobre seu significado para o indivíduo, constituindo-se o movimentar-se sempre de perguntas e respostas. Ex. a bola é interrogada a respeito de sua capacidade de rolar, pular, etc. O adversário ou companheiro sobre suas intenções do movimento. (GONÇALVES, 1994, p. 150).

Santin (1992) entende que o movimento humano pode ser executado

mecanicamente ou como uma expressão artística, de tal modo que esse movimento pode ser uma manifestação simbólica ou de um sentimento. Pode ser um exercício automatizado, ou uma arte vivida no corpo, o que vai depender em parte do professor, mas sobretudo, da intencionalidade dos próprios corpos que realizam esses movimentos.

As palavras do autor expressam essa possibilidade de libertação do corpo nas potencialidades do movimento humano, como por exemplo, na arte vivida no corpo, na liberdade de expressão, então diante dessa sugestão irresistível, não poderíamos deixar de pensar na capoeira, como forma de libertação do corpo.

Assim, com a capoeira no contexto escolar, as crianças estão inteiras. Elas cantam, repetem o refrão em coro, embora ainda muito tímidas, mas que certamente esta participação ativa envolvendo o corpo vem quebrando muitos paradigmas de uma educação jesuítica com ênfase numa “concepção bancária”, tal como designada por Paulo Freire (1999), vem demonstrando que não é mesmo a única faceta de um processo de construção e de elaboração do conhecimento.

## Final do jogo

---

Por todas as questões aqui enunciadas, fica a perspectiva de que o jogo da capoeira na escola no momento de retorno presencial, num período posterior ao isolamento devido à pandemia do Covid-19, constitui-se

como um importante processo pedagógico de (re)humanização. Humanização que passa pelo encontro dos corpos, pela linguagem, pela interação e, sobretudo, pelas ações colaborativas, aspectos estruturantes da roda de capoeira.

A capoeira, por fim, em tempos de pandemia, veio incluir o que marca o mundo digital, que é o encontro com o outro mediado pela imagem, pelo aparelho que nos transmite a imagem. O olho no olho, o estar com o outro, a motricidade, a ludicidade, a colaboração e a linguagem corporal, uma vez que a capoeira é um permanente diálogo corporal na roda, pois transmutado em conversas mediadas pelo mundo digital das tecnoimagens, como sugere Vilém Flusser (2008). O exercício da prática de capoeira, as rodas de conversa propiciadas por ela, as produções culturais a ela associadas, a alfabetização, a rotina, o envolvimento e o reconhecimento étnico-racial vêm contribuindo de maneira significativa para os processos pedagógicos dos estudantes.

Por fim, a capoeira, filha do Brasil, apresenta em meio às discussões com os estudantes esse aspecto de unidade ancestral, de ritmo, da língua, da ginga, da oralidade, de comunicação, de percepção de unidade, de luz e melodia.

Ao observarmos os resultados das experiências tanto da Profa. Estefânia, quanto da Profa. Nicole na EMEF *Profa. CELIA REGINA LEKEVICIUS CONSOLIN*, durante a pandemia, percebemos que foram dias difíceis, porém as dificuldades forma contornadas pela entrega, pela dedicação e pela criatividade de ambas. Os resultados das ações que temos realizado em equipe, reafirmam o

que nos traz (TRINDADE 2013), com relação aos valores civilizatórios afro-brasileiros e da maneira como a prática destes, pode potencializar o processo educativo:

### MESTRE VALDENOR, ESTAVA COM SAUDADES DE VOCÊ!

Esta foi a frase com a qual fui recebido por uma das crianças na EMEF Célia Regina, recentemente, nosso espaço de pesquisa de campo, devo confessar que foi um dos momentos mais emocionantes e significativo para mim no contato com as crianças, durante a pandemia.■



Profa. Estefânia – Educ. Infantil - EMEF  
Célia Regina Lekevicius Consolin



Aluno: Executando uma Queda de Rins



Prof. Kleber Diretor Célia Regina tocando Berimbau

A capoeira já existe no Brasil há muito tempo  
e, atualmente, não tem fronteiras culturais,  
que misturam esporte, luta, dança, cultura popular,  
música e arte.  
A capoeira se dá através de lutas, pois quem  
aprendeu de mestre, além dos significados da  
palavra, passou a ser um dos atos de luta, tanto  
no do exterior do Brasil.



Profa. Nicole Pereira e Profa. Mônica Coordenadora Geral do Projeto



Aula presencial em novembro 2021

#### [ VALDENOR S. DOS SANTOS ]

Graduado em Rádio e TV, Mestre em Educação pela FEUSP, Doutorando pela FFLCH/USP  
E-mail: mestrevaldenor@hotmail.com

#### [ ESTEFÂNIA ZONARO ]

Graduada em História, Filosofia, Pedagogia e Artes Cênicas, Professora na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. E-mail: estefaniazonaro@gmail.com

#### [ NICOLE DE SOUZA PEREIRA ]

Graduada em Educação Física e Pedagogia, Professora na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. E-mail: nicole-sp@hotmail.com

## Referências

---

BOFF, L. **Espiritualidade - Um caminho de transformação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, L. **Depois de 500 anos - Que Brasil queremos?** Petrópolis: Vozes, 2000.

CAPALBO, C. Corpo e existência na filosofia de Maurice Merleau-Ponty. In: PINTO DE CASTRO, D.S. et.al. (Orgs.) **Corpo e Existência**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

COMBLIN, J. **O neoliberalismo - Ideologia dominante na virada do século**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DA MATA, J. **A liberdade do corpo - Soma, capoeira angola e anarquismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade**. São Paulo: Ed. Annablume, 2008.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, R.; DA MATA, J. **Soma - Uma terapia anarquista: corpo a corpo (A síntese da soma)**. Vol.3. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GONÇALVES, M. A.S. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.

KOFES, S. **E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala**. In: BRUHNS, H. T. (Org.). **Conversando sobre o corpo**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1986.

MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. Campinas: Papirus, 1987.

NUNES FILHO, N. **Eroticamente humano**. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1997.

REIS, L. V. S. **O mundo de pernas para o ar - A Capoeira no Brasil**. São Paulo: Editora Publischer, 1997.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W.W. (Org.) **Educação Física e esportes – Perspectivas para o século XXI**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999.

SILVA, V. de J. C. **Sociedade Disciplinar no pensamento de Foucault e a sociedade de controle no pensamento de Deleuze-Guatarri**: o papel da instituição educacional e o controle da infância. Revista Aurora - Revista Discente da PPGCS da UNESP de Marília, v. 9, n.2, p. 01-18, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2016.v9n2.09>. p130. Acesso: 25/01/2022.

SOARES, C. E. L. **A Negregada Instituição - Os Capoeiras na Corte Imperial 1850 - 1890**. Rio de Janeiro: Access, 1999.

ZAMBEL, L.; LASTÓRIA, L. A. N. **Educação e emancipação em T. W. Adorno**: contribuições para a formação de professores. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, n. 4, p. 2205-2218, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8794>> Acesso em: 23 jan. 2022.